

LINGUAGEM ORAL E TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL ¹

MATOS, Carla K. ²
AGUIAR, Angela G.P.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo conhecer as intencionalidades pedagógicas praticadas pelos professores para o desenvolvimento da linguagem oral na educação infantil. Foi por meio dos estágios vivenciados ao longo do curso de Pedagogia que observamos como a ação pedagógica da professora é importante para o desenvolvimento da linguagem oral, na educação infantil. O estudo é de natureza qualitativa e tomamos como sujeitos de pesquisa uma turma e uma professora da rede pública de ensino, do município de Serra. Para a coleta de dados, utilizamos a observação e a aplicação de questionário. Este estudo bem como suas discussões embasam-se nas ideias de Vygotsky (2002) e Bakhtin (1997). Dentre os resultados do obtidos destacamos que as intencionalidades da professora têm um papel fundamental no processo de construção e aquisição da linguagem oral, possibilitando, desse modo, a interação do indivíduo nos diversos contextos sociais.

Palavras-chaves: Linguagem oral; Educação infantil; Trabalho pedagógico.

1 INTRODUÇÃO

A partir das experiências vivenciadas, por meio dos estágios, em escolas da rede pública, decidimos escolher a temática ligada à construção e aquisição da linguagem oral, pois, em nosso olhar, ela é de extrema importância para o desenvolvimento da criança.

¹ O presente texto corresponde ao trabalho de conclusão de curso de Pedagogia e foi produzido como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

² Alunas do curso de Pedagogia da Faculdade Doctum de Serra turma 2016/2. E-mail das autoras: angelagpimenta@hotmail.com ckoppem@gmail.com

Observamos que a linguagem oral na educação infantil não é trabalhada ou explorada da forma com deveria ser, com planejamento e intencionalidade. Por esse motivo, decidimos aprofundar no estudo e pesquisa deste assunto para aprendermos sobre como a intencionalidade da professora pode contribuir para o desenvolvimento das potencialidades da criança que se encontra na educação infantil e como os processos de mediação e interlocução da professora, se pensados de forma intencional e planejada, ajudam na construção da linguagem oral.

Considerando a linguagem como elemento fundamental para a interação da criança esta pesquisa visa mostrar o quanto é importante o incentivo da linguagem oral na educação infantil para o desenvolvimento da comunicação e interação da criança com mundo primeiro em casa, com a família, e depois na escola, com as professoras e colegas.

As discussões sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem oral estão fundamentadas nos pressupostos teóricos de Bakhtin (1997) e Vygotsky (2002). A discussão realizada por meio desses estudos nos mostra que existem fatores – como o pensamento – que são determinados pela linguagem e a interação sociocultural da criança, fatores importantes para o desenvolvimento da linguagem oral.

Sabemos que a linguagem oral é um instrumento de comunicação presente no dia a dia e que se inicia desde cedo, em casa, com a família, e se desenvolve na escola, viabilizados pelos de novos convívios e conhecimentos. O incentivo da linguagem oral ainda na educação infantil é necessário, pois ajuda a criança a se comunicar de uma forma mais expressiva no seu cotidiano.

Embora muitos pensem que a linguagem aconteça naturalmente, a intencionalidade do professor é essencial para tal desenvolvimento e merece especial atenção. A partir dessas considerações perguntamos: **Que atividades são propostas no contexto da educação infantil para o desenvolvimento da linguagem oral?**

Objetivamos para esse estudo conhecer as intencionalidades pedagógicas praticadas pelos professores para o desenvolvimento da linguagem; compreender qual é o papel do outro na construção da linguagem e identificar as atividades infantis através das práticas pedagógicas.

2 REVISÃO DE LITERATURA: O QUE QUE TRAZEM ALGUNS ESTUDOS

Trazemos três dissertações de mestrado que mostram a linguagem e seu desenvolvimento na criança, tendo sido desenvolvidos no contexto da educação infantil.

Augusto (2011) em sua dissertação sobre a linguagem oral e suas possibilidades de trabalho na educação infantil, objetivou compreender a dimensão do trabalho com a linguagem oral e sua intencionalidade pedagógica, a fim de que as crianças falassem, questionassem e fossem ouvidas.

A autora se utilizou de observações para o processo de coleta de dados em uma creche em São Paulo. Como referenciais teóricos, a pesquisadora trabalhou com Bakthin (1997), Vygotsky (1985:2002), Wallon (1995), Piaget (1986).

Dentre os resultados do estudo, ela destaca que a pesquisa oportunizou situações para que as crianças pudessem brincar, narrar, comunicar para construir experiências, perguntas, questionamentos que a professora pudesse confrontar ideias e desenvolver suas aulas.

Costa (2006) problematizou em sua pesquisa de mestrado, na Universidade Federal do Espírito Santo UFES, como é realizado o trabalho com a linguagem oral na educação infantil. O estudo objetivou analisar o trabalho com a linguagem oral em rodas de conversas como interações sociais e a interação

da professora nesse processo. Foi utilizada a observação participante, os registros em diários de campo, as filmagens, fotografias (salas de aula e crianças) e entrevistas com os sujeitos envolvidos na pesquisa (professoras e crianças). Como pressupostos teóricos a pesquisadora trabalhou com Cerqueira (1986), Hubert (2002) e Barbosa (2001). O resultado dessa pesquisa foi que, durante as rodas de conversas, o dizer das crianças era dirigido pela professora que desconsiderou o falar delas. A não consideração do dizer das crianças reduziu bastante as possibilidades de constituição de sentidos e de interação com o outro por meio do texto oral.

Nessas rodas de conversas, havia, por parte da professora, uma preocupação com a avaliação das falas das crianças, levando-as apenas a reconhecer os sentidos presentes no texto lido.

De modo geral, observamos que há dificuldades, por parte das professoras, de se colocarem, na roda de conversa, numa posição que possibilite, efetivamente, o diálogo. No entanto, acreditamos também que a ação dos docentes resulta dos processos formativos. Para isso, acreditamos que é necessário pensar a formação do professor como espaço e tempo de interlocução, de aprendizagem, de trocas de experiências.

Morgado (2013), em sua monografia apresentada no Centro Universitário Católica Salesiano, problematizou o desenvolvimento da linguagem e o trabalho do professor neste processo. Realizou um estudo sobre o desenvolvimento da linguagem infantil e a oferta de conhecimentos aos profissionais que atuam nas creches, em forma de guia de estimulação, para que orientem suas práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da linguagem oral na faixa etária de 1 a 3 anos.

A autora realizou um levantamento de informações por meio de pesquisas realizadas em livros, revistas, internet, sobre os estudos e concepções de vários autores de educação infantil, acerca do trabalho do professor e o

desenvolvimento da linguagem oral das crianças. Utilizou-se também de pesquisa de campo que se deu a partir de levantamento de informações de um grupo de 10 profissionais, que atendem crianças na faixa etária de 1 a 3 anos, em creches públicas, com preenchimento de questionário acerca de suas concepções, conhecimentos e estratégias para o desenvolvimento da linguagem. Foram realizadas entrevistas, oportunizada por meio de questionários, com profissionais da educação de diversas instituições de ensino infantil, que atuam com crianças de 1 a 3 anos de idade. Como referenciais teóricos, a pesquisadora trabalhou com Bondioli (1998), Oliveira (2002), Muller (1992).

Dos resultados apresentados no estudo, destacamos a confirmação da necessidade de se elaborar um guia de estimulação da linguagem oral para consulta e auxílio no planejamento pedagógico, com informações e atividades básicas direcionadas ao desenvolvimento da linguagem oral. O guia traz exemplos de atividades simples, estimuladoras e significativas que seriam trabalhadas na hora do banho, sono, refeições, brincadeiras, na hora de contar histórias, enfim, no dia a dia da criança na creche.

Os três estudos indicam que a linguagem oral é uma dimensão de constituição dos sujeitos que precisa ser mais bem trabalhada na escola e que o papel do professor nesse processo é indispensável, pois é ele que estimula e auxilia as crianças planejando e elaborando atividades e situações relacionadas às práticas pedagógicas para o melhor desenvolvimento da linguagem oral.

Podemos destacar que os estudos nos remetem às ideias de Vygotsky (2002) e de Bakhtin (1997), pois focaliza vários momentos nos quais a interação social se faz necessária para a estimulação da linguagem oral e o papel do outro no processo da aquisição da linguagem através das práticas pedagógicas planejadas pelo professor.

3 LINGUAGEM ORAL NA VISÃO DE BAKHTIN E VYGOTSKY

Vygotsky dedicou anos de estudo para compreender as relações entre o pensamento e a linguagem, uma vez que antes os estudos realizados sobre o tema “pensamento e linguagem” buscavam conceituar os dois fatores de forma individual.

De acordo com Vygotsky (2002) “o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança”, sendo assim:

A fala é interiorizada psicologicamente antes de ser interiorizada fisicamente. A fala egocêntrica é, quanto as suas funções, a fala interior, é a fala em sua trajetória para a interiorização; intimamente ligada à organização do comportamento da criança, já parcialmente incompreensível para outras pessoas, embora explícita em sua forma e sem apresentar nenhuma tendência para se transformar em sussurro ou qualquer outra forma de fala a meio tom. (VYGOTSKY, 2002, p.56)

As crianças, embora ainda não dominem a linguagem como um sistema simbólico, fazem uso de manifestações verbais como o choro e o riso como meio de comunicação social. Vygotsky (2002) compara o discurso da criança e do adulto e constata que o desenvolvimento segue uma evolução: a função primordial da linguagem, tanto para as crianças quanto para os adultos, é a comunicação e o contato social, no entanto:

[...] o processo não pode ser reduzido à associação, à atenção, à formação de imagens, à interferência ou às tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou palavras, como o meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos. (VYGOTSKY, 2002, p.73)

Considerando, portanto, as premissas apontadas, vale ainda destacar as concepções de Bakhtin sobre a linguagem oral, pois segundo o autor a linguagem oral é construída por meio da interação social na qual o papel do outro é fundamental na construção do diálogo, pois:

A verdadeira substância da língua não é constituída por sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico da sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (Bakhtin, 1997, p.123).

Bakhtin afirma que a linguagem é algo construído e reificado e que a língua e suas regras fazem parte do funcionamento, mas seu domínio é ilimitado, uma vez que cada pessoa tem um modo de falar, de acordo com o meio social em que vive.

3.1 SOBRE A AÇÃO INTERVENTIVA DO OUTRO

A forma mais comum pela qual a criança se expressa é através da linguagem em seu meio social, escolar e familiar. É na interação com o meio onde ela vive que se inicia o desenvolvimento da linguagem e é nesse processo em que se faz necessário esse envolvimento da escola como uma extensão para promover o desenvolvimento da linguagem oral da criança.

Para que essa intervenção se efetive de forma concreta é necessário conhecer como se dá o desenvolvimento da linguagem e como podemos, através desse conhecimento, criar um meio de comunicação para facilitar o trabalho do professor.

Os professores têm um papel fundamental nesse processo, pois podem utilizar práticas pedagógicas que possibilitem o avanço da linguagem fazendo com que a criança fale melhor, organizando suas práticas de forma a promover grandes capacidades, tornando-o eficaz. “É importante que o professor converse com bebês e crianças, ajudando-os a se expressarem, apresentando-lhes diversas formas de comunicar o que desejam, sentem, necessitam, etc.” (BRASIL, 1998, p. 134).

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI – (BRASIL, 1998), quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa. É nesse sentido que a ação interventiva do outro se concretiza como elemento fundamental e necessário às novas construções e elaborações das crianças no campo da linguagem oral.

3.2 A LINGUAGEM ORAL E SUAS POSSIBILIDADES DE TRABALHO

A escola é um lugar propício para se trabalhar a comunicação entre as crianças, pois elas terão oportunidades de falar e serem ouvidas desenvolvendo suas habilidades linguísticas. A escola deve apresentar às crianças diversas formas de uso da fala, para que elas possam ser estimuladas a falar, a serem ouvidas e perderem a timidez. No RCNEI, lemos que:

O desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola construir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidades. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. (BRASIL, 1998, p.49)

Através da linguagem oral, é possível trocar ideias, pensamentos e interações, fazendo com que a criança se desenvolva tanto na sala de aula como em seu dia a dia com a família.

Nesse contexto, é importante mencionar a importância do trabalho do professor em sala de aula para a estimulação da linguagem oral. O professor deve propor atividades de acordo com o cotidiano da criança, usando fatos ocorridos para serem discutidos em sala.

Outra significativa contribuição para o desenvolvimento da linguagem oral na educação infantil é a roda de conversa, na qual o professor tem a oportunidade de conversar, ouvir as crianças propondo questionamentos com

intencionalidade para que as crianças expressem seus sentimentos e pensamentos.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, abordagem esta que nos permitiu dirigir um olhar reflexivo, tendo como contexto um ambiente natural, no qual aconteciam as trocas comunicativas entre as crianças e a professora, logo as abordagens interventivas e intencionais da docente nos momentos de trocas entre as crianças e seus pares.

Minayo (1995) destaca que, na pesquisa qualitativa, as questões são muito particulares. Ela se ocupa nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalidade de variáveis.

O estudo foi realizado em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), pertencente à Rede Municipal de Educação de Serra-ES. Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram uma professora e as crianças do Grupo III do CMEI. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram à observação e a aplicação do questionário.

A pesquisa foi realizada por meio de três etapas. Assim, apresentamos-nos na escola escolhida e expusemos nossas intenções de pesquisa. Solicitamos a autorização e indicação de qual turma/professora poderia colaborar conosco, constituindo-se como participantes diretos do estudo.

Na segunda etapa, realizamos observações, durante cinco dias, do contexto escolar, focalizando os vários momentos de uso da linguagem entre crianças e seus pares e entre as crianças e professora, quais sejam: os da brincadeira, os de contação de histórias, as rodas de conversas, da musicalidade e das releituras das histórias pelas crianças.

Na terceira etapa, solicitamos à professora que respondesse ao questionário complementar as nossas observações. Nesse questionário objetivamos conhecer e compreender, a partir das concepções e percepções da professora e da turma pesquisada, as intencionalidades pedagógicas da docente para o desenvolvimento da linguagem, compreender qual é o papel do outro na construção da linguagem e identificar as atividades infantis através das práticas pedagógicas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados e discussões que trazemos nesse texto resultam das observações realizadas no contexto escolar pesquisado e no conteúdo do questionário respondido pela *Professora E*.

Para tanto, buscamos apresentar e discutir estes dados a partir de três categorias, quais sejam: *a) Quanto às atividades propostas e sua pertinência para o desenvolvimento da linguagem oral; b) Quanto às intencionalidades pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da linguagem oral; c) Quanto à compreensão sobre o papel do outro na construção da linguagem oral com a criança.*

Essas categorias abarcam uma relação direta com os objetivos e problema enunciados inicialmente neste texto, possibilitando-nos ressaltar elementos pertinentes, tanto das observações quanto das respostas do questionário.

a) Quanto às atividades propostas e sua pertinência para o desenvolvimento da linguagem oral;

A identificação das atividades propostas no contexto do Grupo III bem como a pertinência delas para o desenvolvimento da linguagem oral nos foi possível a partir das respostas da *Professora E* ao questionário e das observações realizadas no contexto do CMEI, em cinco momentos. Nesses espaços de

observação tivemos também a possibilidade de interagir com a *Professora E* e dela obter algumas manifestações orais.

A pesquisa de campo foi realizada no CMEI, do bairro Nova Carapina II. A sala é regida por uma professora e uma assistente. No primeiro momento, fomos muito bem recebidas por toda a equipe pedagógica do CMEI, que nos convidaram a ficarmos à vontade para observarmos e se dispuseram a esclarecer qualquer tipo de dúvida quanto às metodologias utilizadas para o desenvolvimento da linguagem oral das crianças.

No primeiro dia de observação, pudemos interagir com a professora, que nos relatou que, para trabalhar a linguagem oral das crianças, utiliza, entre outras metodologias, a roda de conversa, a contação de história e a música.

Durante os momentos de observação realizados na escola bem como da leitura e análise das respostas do questionário respondido pela *Professora E*, destacamos, quanto às atividades que são propostas no contexto escolar, que algumas estimulam as crianças a desenvolverem a linguagem através do estímulo que recebem por parte do professor. O ditado é um exemplo desse tipo de atividade, em que a professora pede às crianças que façam a releitura de uma história contada em sala, de forma oral, e a professora escreve no quadro o que a criança dita.

Nesse contexto, Teberosky; Ribeira (2004) nos chamam a atenção que,

Mesmo antes de o menino e a menina serem capazes de escrever por si mesmos, podem ditar para um adulto, que fará as vezes de “escriba”. O propósito do ditado ao adulto é o de ajudar a produzir um estilo de linguagem. (p. 63)

Outro tipo de atividade que contribui para o desenvolvimento da linguagem oral das crianças é a contação de histórias, e o modo específico que a professora media a atividade. A professora começa a atividade apresentando o livro às crianças e começa a contar, dando pequenas pausas durante a contação para instigar a curiosidade das crianças sobre o desenrolar da história. Nessas pequenas pausas, as crianças acabam perguntando sobre o que vai acontecer,

falam o que estão achando, se estão gostando ou não. Ao final da história, a professora incentiva as crianças a recontarem a história oralmente e só depois propõe a releitura da história com desenhos ou pinturas. Quanto a isso, o RCNEI considera:

[...] que o contato com o maior número possível de situações comunicativas e expressivas resulta no desenvolvimento das capacidades linguísticas das crianças, uma das tarefas da educação infantil é ampliar, integrar e ser continente da fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante. (BRASIL, 1998, p. 134)

Observamos tudo o que a professora nos relatou na prática. No início do segundo dia de observação, ela fez a roda da leitura, apresentou o livro “João e Maria” e, após falar um pouco sobre o autor e o ilustrador, começou a contar a história. Quando chegou a parte da história em que João e Maria ficaram perdidos na floresta, a professora prosseguiu assim:

“Estava escurecendo na floresta e João e Maria viram uma luz ao longe, entre as árvores”. Nesta hora, a professora fez uma pausa proposital e as crianças, por estarem curiosas com o que seria aquela luz no meio da floresta, começaram a fazer perguntas e pediram à professora para que continuasse de onde tinha parado. Percebemos que essa estratégia realmente se fez válida no processo de desenvolvimento da linguagem das crianças, pois estimulou os alunos a verbalizarem o que estavam pensando.

No terceiro dia de observação, a professora propôs uma brincadeira diferente: ela organizou a rodinha da conversa com as crianças e trouxe uma caixa bonita toda enfeitada para a roda, que chamou de *caixa mágica*. Dentro da caixa, havia várias fichas e em cada ficha havia uma figura diferente. Neste momento, percebi que a professora usou uma metodologia muito interessante, uma vez que elaborou uma forma de fazer a chamada a partir de sorteio, para desenvolver a atividade com as crianças. Todas as fichas com os nomes de cada aluno foram colocadas em um saco, de onde a professora tirou o primeiro nome e a primeira criança sorteada deu início à brincadeira e, ao término, retirou do saco o nome do próximo participante. Apesar de algumas crianças

ainda não saberem ler, percebemos que elas associaram as letras do nome à quantidade, e, na maioria das vezes, acertaram os nomes sorteados.

A primeira criança retirou a imagem de um carro de dentro da caixa mágica. Nesta situação, percebi que a professora estimulava as crianças a verbalizar, fazendo perguntas. Ela perguntou à criança que imagem estava na ficha e a criança respondeu que era um carro. Em seguida, perguntou sobre a cor do carro e quantas portas tinham. A docente estimulou as crianças a utilizarem seu conhecimento de mundo para agregar conhecimentos novos. Por exemplo, perguntou aos alunos o que o carro precisava para andar e as crianças responderam que era de gasolina que o carro precisava para andar.

Observamos que algumas crianças iam além de outras. Um menino disse à professora que o pai não colocava gasolina no carro, mas sim gás.

Observamos que essa atividade contribuiu muito para o desenvolvimento da linguagem das crianças, pois permitiu que, a partir de conhecimento de mundo delas, relatassem o que viram, de forma oral.

Podemos concluir que a *Professora E* organiza as atividades que aplica de forma a incentivar as crianças a se desenvolvam oralmente, enquanto verbalizam. Esta recomendação e orientação estão nos documentos oficiais do Ministério da Educação, no qual lemos que: *“É importante que o professor converse com bebês e crianças, ajudando-os a se expressarem, apresentando-lhes diversas formas de comunicar o que desejam, sentem, necessitam, etc.”* (BRASIL, 1998, p. 134).

Destacamos, por fim, que as contações de história – nas quais as crianças fazem releituras usando fantoches e, por último, as brincadeiras, sejam elas intencionadas ou livres – fazem com que aconteça a socialização e a troca de informações.

b) Quanto às intencionalidades pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da linguagem oral

Planejar, a partir de intenções diretivas, é algo de extrema importância na docência e que conferem significado ao que se faz. Para a *Professora E*, as intencionalidades são rotineiras “São práticas que uso durante todo o ano para que se efetive o aprendizado, por exemplo: roda de conversa, diálogo com as crianças. Também trabalho com a música, diariamente, para que a criança se expresse enquanto desenvolve a linguagem oral”.

Essa intencionalidade e foco nos objetivos foram percebidos por nós durante todo o tempo em que realizamos essa pesquisa no CMEI. A *Professora E* desenvolvia a maioria das atividades com foco no desenvolvimento da oralidade das crianças. Entendemos que, nos momentos em que isso não foi possível, foi em função da complexidade da rotina escolar, que fazia com que alguns desses momentos passassem despercebidos, momentos, talvez, em que a curiosidade das crianças a respeito de determinado assunto deveria ser vista como oportunidade para se trabalhar a oralidade das crianças.

De acordo com Augusto (2011), é essencial perceber que oralidade é um processo dinâmico que se desenvolve a partir de situações que sejam altamente significativas para as crianças. Nesse sentido, os/as professores/as devem estar continuamente atentos para não perderem oportunidades de dar atenção e participar ativamente desses momentos de trocas comunicativas com as crianças, favorecendo o desenvolvimento da oralidade nos pequenos.

Destacamos por fim, um momento importante a ser relatado, não como crítica à *Professora E*, mas sobretudo pelo destaque aos processos dinâmicos sobre os quais Augusto (2011) se refere. Para o autor, este dinamismo se faz presente nas situações que são significativas para as crianças, mas que, muitas vezes, os adultos não percebem.

O referido momento foi durante uma visita de campo realizada pelas crianças ao Horto da Serra Sede. Neste dia, o responsável pelo jardim do horto trouxe algumas mudinhas para que elas conhecessem, porém elas demonstraram desinteresse pelas mudas de plantas.

Observamos que as crianças se interessaram pelos pequenos bichinhos que percorriam o jardim e as flores, como as joaninhas, as formigas e as borboletas. Percebemos, então, que a professora poderia explicar esses temas sobre quais as crianças se inclinaram. No entanto, não foi feita a intervenção, naquele momento. Ao contrário, as crianças foram chamadas a atenção para participarem da aula de campo, sendo que não estavam conseguindo se manter atentas. Uma oportunidade foi perdida de se trabalhar o desenvolvimento da linguagem das crianças, e conseqüentemente uma maior apropriação de conhecimentos sobre meio ambiente.

Em outro momento da visita, uma criança pegou uma semente caída ao chão e disse à professora: “Olha, tia, isso aqui, está parecendo um feijão.” – Nesse momento, percebemos que a professora poderia trabalhar as diferenças e semelhanças existentes entre as plantas e como elas se desenvolvem; ela poderia também estimular as crianças a socializarem sobre o que estavam aprendendo, o que estavam gostando do jardim e contextualizar, falando sobre as plantas que elas têm em casa. Neste sentido, percebemos uma falta de flexibilização do planejamento da aula, devido à curiosidade das crianças sobre um tema pertinente que não foi trabalhado.

C) Quanto à compreensão sobre o papel do outro na construção da linguagem oral com a criança

O convívio da criança em seu âmbito social e familiar favorece muito o desenvolvimento da linguagem oral, pois amplia o léxico, melhora a dicção e amplia os conhecimentos das crianças.

A Professora E, em todas as suas atividades, evidenciou em uma intencionalidade e foco no desenvolvimento da linguagem oral das crianças. Mesmo quando as crianças vão para o parquinho brincar, a professora e a assistente criam situações que estimulem a linguagem das crianças, o que geralmente não é comum nos CMEI's.

Um exemplo disso é a atitude de direcionar as brincadeiras no parquinho. A professora diz a uma criança como pular de forma a não se machucar e pede a essa mesma criança que ensine às demais. As crianças gostam de ensinar e, quando o fazem, exercem e desenvolvem a oralidade.

A linguagem é fundamental para a construção do pensamento e das relações sociais, e “[...] quando usada como representação e como ferramenta de reflexão, possibilita a tomada de consciência, a iniciativa, a comunicação e as relações sociais”. (KISHIMOTO, 2005, p.58).

Uma das atividades que nos chamou muito a atenção foi a proposição dela, *Professora E*, da “a hora musical”, quando colocou uma cadeira que serviu como palco, na frente da turma. As crianças foram organizadas no formato de ágora, em volta da cadeira, e ela chamou uma por uma para cantar a música que quisesse. A professora utilizou na brincadeira um microfone de plástico, para incentivar as crianças a cantarem. Algumas delas se mostravam tímidas e diziam que não queriam cantar, porém a professora se propunha a ajudar a quem tivesse dificuldade e cantava junto com a criança, incentivando a turma a cantar junto também. Nestes momentos, a professora escolhia uma música fácil, que fazia parte da rotina de sala dos alunos.

Notamos que outras crianças eram animadas, subiam na cadeira, cantavam e dançavam, sem se importar com as que estavam rindo. Nesta atividade, as crianças se soltaram e se divertiram muito. A professora trabalhou a linguagem de forma divertida e intencional, trabalhou palavras desconhecias pelas crianças, através da música. Um exemplo disto foi quando as crianças cantavam e verbalizavam alguma palavra que não sabiam o significado e, ao final da música cantada, a professora perguntava se alguém ali sabia o que aquela palavra significava e depois de deixar que as crianças discutissem sobre isso, ela lia no dicionário e explicava de forma clara.

[...] sem dúvida há muitas atividades que o professor não músico pode desenvolver com sua classe para estimular o gosto pela música; sem dúvida é possível cantar ou tocar, mesmo que o professor não saiba ler música; sem dúvida ele poderá conduzir o interesse da classe na apreciação do ambiente escolar sonoro ou das imediações. Para isso ele não necessita de formação específica, mas apenas de

musicalidade e interesse pela música e pelos sons. (FONTERRADA, 1993: 72-73)

Percebemos, nestes momentos de observação na classe, que a relação da criança com a linguagem é baseada na relação com o outro e, na educação infantil, a professora representa esse outro, por meio da língua que apresenta às crianças. É neste aspecto que todo contato que a criança estabelece com o mundo deve ser mediado pela linguagem, como afirma Vygotsky (2002). Conversar e brincar são fundamentais para desenvolver a linguagem oral das crianças e essas atividades se tornam mais concretas no contato com o outro.

O papel do outro em sua atitude responsiva (BAKTHIN, 1997) é fundamental ao longo de toda a vida, pois toda a comunicação se faz na interação. É importante lembrar que Bakhtin questionou a proposição tradicional da linguística de seu tempo, que concebia o papel do emissor de modo distinto do receptor. Para ele, a criança não pode pensar a palavra dissociada da interação com o outro. Não é a respeito de como se entende a palavra que sai da boca de uma pessoa para o ouvido de outra, mas sim entender como acontece à construção do significado dessa palavra através da comunicação:

O desejo de tornar seu discurso inteligível é apenas um elemento abstrato da intenção discursiva em seu todo. O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – imanentes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta- -se nele, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo de uma cadeia muito complexa de outros enunciados. (BAKTHIN, 1997, p. 291)

Concluimos com Bakhtin, quando escreve que a linguagem é produto da interação de sujeitos históricos, portanto, todo discurso é interdiscursivo, atravessado por outras vozes. Nessa perspectiva, produzir discurso pressupõe a apropriação dos discursos sociais (BAKTHIN, 1997).

Este conhecimento é fundamental ao professor que deve ver, na sua atitude, as condições necessárias para o desenvolvimento da linguagem oral das crianças.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o desenvolvimento da linguagem oral das crianças na Educação Infantil deve ser trabalhado em todo o tempo que a criança estiver no espaço escolar.

O professor deve incentivar a criança a conversar, narrar suas histórias e brincadeiras e estimular a curiosidade, através da qual as crianças se desenvolvem. Percebemos que na escola não faltam oportunidades para o aproveitamento de situações que podem ser utilizadas como ferramentas para se trabalhar o desenvolvimento da oralidade nas crianças.

Percebemos, no desenvolvimento deste estudo, que para a criança desenvolver a linguagem oral, é preciso que o profissional da educação a ajude a organizar seu pensamento, para que ela possa interpretar o que ouve ou vê e, a partir desse entendimento, se fazer entender.

As crianças demonstraram não ter um conhecimento de mundo nivelado e – como a linguagem deve ser trabalhada e desenvolvida por meio de situações concretas – percebemos que o professor deve assumir o papel de mediador entre as situações, as atividades e a oralidade das crianças, pois assim a criança se apropria do conhecimento que o outro expõe verbalmente. Quando a criança é estimulada a organizar seu pensamento, ela consegue verbalizar melhor aquilo que pensa.

Sabendo que a linguagem oral possibilita a interação do indivíduo na sociedade, é necessário que os professores colaborem, fornecendo atividades que promovam o desenvolvimento desta habilidade comunicativa. No entanto, muitas vezes, os(as) professores(as) deixam passar oportunidades incríveis de trabalhar a oralidade das crianças apenas por não saberem flexionar o

planejamento. As atividades que envolvem o desenvolvimento da linguagem devem ser priorizadas na Educação Infantil e devem estar entrelaçadas com todos os outros conteúdos como eixo principal para o desenvolvimento de todas as outras atividades.

Trabalhar o desenvolvimento da linguagem deve ser algo inerente ao processo de socialização que acontece na educação infantil, deve estar dentro de cada atividade proposta, de cada planejamento. Mas, percebemos também que deve haver uma maior flexibilização das metodologias de ensino, a partir do momento em que as crianças se mostrarem curiosas sobre qualquer tipo de assunto.

ABSTRACT

ORAL LANGUAGE AND PEDAGOGICAL WORK IN CHILD EDUCATION ³

MATOS, Carla K.⁴

AGUIAR, Angela G.P.

The present work had as objectives to know the pedagogical intentions practiced by the teachers for the development of the language in the infantile education. It was through the stages experienced during the course of Pedagogy that we observed how the pedagogical action of the teacher is important for the development of oral language in early childhood education. The study is qualitative in nature and we took as a research subject a class and a teacher from the public school system in the municipality of Serra. For the data collection we use the observation and the application of questionnaires. The theoretical basis for our discussions is based on the ideas of Vigotski (2002) and Bakhtin (1997). Among the results of the study, we emphasize that the intentions of the teacher have a fundamental role in the process of construction and acquisition of oral language, thus enabling the interaction of the individual in different social contexts.

Keywords: Oral language; Child education; Pedagogical work.

³ O presente texto corresponde ao trabalho de conclusão de curso de pedagogia e foi produzido como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

⁴ Alunas do curso de pedagogia da Faculdade Doctum de Serra turma 2016/2. Email das autoras: angelagpimenta@hotmail.com; ckoppem@gmail.com

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na educação infantil.** Educação Infantil: diferentes formas de linguagem expressivas e comunicativas. Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. UNIVESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998, v. 3.

COSTA, Dania Monteiro Vieira. **O trabalho com a linguagem oral na educação infantil.** Pesquisa de mestrado. UFES, Espírito Santo, 2006.

FONTEERRADA, Marisa Trench de O. A educação Musical no Brasil: algumas considerações. In: **II ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL.** II ENCONTRO ANUAL DA ABEM. 1993, Porto Alegre. Anais eletrônicos, 69-83.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e a linguagem. In FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (Orgs.). **O mundo da escrita no universo da pequena infância.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

MORGADO, Maria de Ludes dos Santos. **Educação infantil: o desenvolvimento da linguagem oral em crianças de 1 a 3 anos e o**

trabalho do professor. Monografia. Centro universitário católico salesiano, São Paulo, 2013.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1995.

TEBEROSKY, A; RIBEIRA, N.**Contextos da alfabetização na aula.** In: Contextos de alfabetização. Porto Alegre: Artmed, 2004. p55-70.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.